
Simão Durando: A Voz da Cultura em *O Farol*¹

Juliana Almeida de SOUZA²

Andréa Cristiana SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA.

Resumo

Este artigo analisa a produção jornalística de *O Farol*⁴, que circulou a partir de 1915, em Petrolina-PE, buscando compreender as estratégias de fomento das práticas culturais no período de 1960 a 1985. Um dos objetivos foi identificar o nome de profissionais que escreveram no jornal, discutindo temas relacionados à cultura. Para tanto, destacou-se a coluna de Simão Durando que documentou parte das manifestações religiosas e tradições populares. Assim, esta pesquisa compreendeu duas etapas: abordagem quantitativa, com inventário do veículo; e análise qualitativa a partir da dimensão dos rastros e dos fragmentos no contexto de uma micro história da comunicação. Verificaram-se práticas jornalistas e a colaboração de Simão Durando como ator profissionalizado em narrar fatos e acontecimentos do passado.

Palavras-chave

História da imprensa; Memória; Cultura; Simão Durando.

Na Europa, a imprensa chegou por volta do século XV, mas a América só teve acesso a essa tecnologia no século XVI com a colonização. Já a imprensa periódica surgiu somente no século XVII, chegando ao continente americano no século seguinte. No Brasil essa chegada se deu com a vinda da família real ao país, com a Imprensa Régia, com a publicação em 1808 dos jornais *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Correio Braziliense, em 1808*, produzido em Londres e trazido ao Brasil pelos navios (MARTINS; LUCA, 2013). Ao longo do século XIX, a imprensa brasileira passou por diversas transformações, desde a circulação dos primeiros jornais, de caráter político-

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Bolsista financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: juliana.souzalmeida@gmail.com

³ Professora do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia e Doutora em Comunicação e Cultural (UFRJ) e-mail: andcsantos@uneb.br

⁴ Adotamos a grafia de *O Farol* no título deste artigo por fazer referência aos textos publicados por Simão Durando.

literário à profissionalização do campo no século XX, a imprensa passou por diversas transformações relacionadas ao processo de autonomização do campo jornalístico que levaram à constituição das empresas jornalísticas (RIBEIRO, 2010).

Neste processo, a imprensa se tornou uma instituição que molda configurações sobre o homem moderno, introduzindo deslocamentos nos hábitos de leituras, provocando "modificações na conformação, no modo e na maneira como o homem capta e interpreta o mundo exterior" (WEBER, 2006, p. 43). Nesta perspectiva de Weber, as mensagens jornalísticas permitiram identificar as relações de poder, estilo e os "modos como os problemas são discutidos dentro e fora do jornal" (WEBER, 2006, p.44).

Diante da importância da imprensa no sentido de produzir configurações sobre os modos de pensar e agir do homem moderno, bem como por documentar parte da produção cultural do país, é importante investigar os circuitos comunicativos entre imprensa local e nacional constituída a partir de um projeto de modernização no país, marcado por relações de tensão, acomodação e assimilação entre centro e periferia, redes de sociabilidade e trocas simbólicas que se construíram por meios dos impressos. Assim, a análise da imprensa local pode trazer significados para refletir as práticas jornalísticas e os circuitos de comunicação entre diversos leitores e diferentes produtores de impressos que circularam em todo o país.

A investigação sobre a produção jornalística local nos faz inferir como profissionais da imprensa, como tipógrafos, donos de jornais, jornalistas e cronistas podem ter exercido uma função de agente de modernização, utilizando capital simbólico, ao fomentar a introdução de hábitos e práticas sociais consideradas modernas na comunidade. A imprensa é reflexo dos processos de mudança operacionalizados pelos sujeitos a partir dos sentidos, o que Hans Ulrich Gumbrecht (1998) chamou de cascatas de modernidade. O homem vê a si ocupando o papel do sujeito da produção do saber e de quem observa o mundo exterior.

Neste sentido, este artigo analisa a produção jornalística de *O Farol*, que circulou a partir de 1915, em Petrolina-PE, buscando compreender as estratégias de fomento das práticas culturais no período de 1960 a 1985. Este artigo traz dados parciais da pesquisa de iniciação científica "As práticas de *O Farol*: modernização da imprensa

e práticas culturais na cidade de Petrolina (1960 a 1985)”⁵ que tem como objetivos analisar os processos micro e macrosociais que evidenciam a história cultural da cidade de Petrolina; bem como identificar o nome de profissionais da área cultural que escreveram no jornal, discutindo temas relacionados às práticas culturais. Para tanto, esta pesquisa compreendeu duas etapas: abordagem quantitativa, com inventário do veículo; e análise qualitativa a partir da dimensão dos rastros e dos fragmentos no contexto de uma micro história da comunicação (SANTOS, 2016).

Os inventários foram produzidos a partir da identificação do título; nome dos profissionais e tipificação das mensagens conforme o conteúdo, como recomendam Marialva Barbosa e Marcos Morel (2005). Para realizar a análise qualitativa, investigamos os contextos micro e macrosociais a partir da dimensão dos rastros e fragmentos. Os produtos comunicativos estabelecem uma intrínseca relação do texto com o seu referente, como afirma Marialva (2010) que produz rastros e permite o pesquisador interprete as mensagens na sua dimensão narrativa.

Já os fragmentos foram considerados como artefatos que nos chegam ao presente pelo conjunto de materiais produzidos em um passado e em determinadas condições (LOWENTHAL, 1998). Pesquisadora dos arquivos judiciais do século XVIII, Arlette Farge (2009) analisou detalhes, pistas menores, restos que, a priori, pareciam insignificantes, a fim de encontrar neles traços do homem comum. O que poderia ser considerado ato falho, fragmentos parciais, podem evidenciar escritas de si e significados da vida pública e privada em um determinado espaço.

Assim, o recorte desta pesquisa compreendeu o inventário de 40 edições que circularam no período de 1960 a 1985, localizadas no Museu do Sertão, instituição da Secretaria de Cultura do município de Petrolina. Foi permitido o acesso ao jornal, que ainda não passou por um processo de digitalização, e nem todas as edições estavam completas.

No decorrer da pesquisa, identificou-se a contribuição de Simão Durando, ex-prefeito da cidade que colaborou com a produção jornalística local durante a década de 1980, documentando parte da cultura popular e de manifestações religiosas. Para este

⁵ A pesquisa está inserida no projeto Tempo e História da Imprensa do Polo Juazeiro-BA e Petrolina-PE, sob a coordenação da professora Andréa Santos. A pesquisa utiliza material documental no Acervo Maria Franca Pires, localizado no Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Juazeiro, Bahia.

artigo, foi analisada a coluna publicada no ano de 1985, que apresentou maior regularidade e pela relevância do autor e discurso apresentado.

O Pharol: pioneirismo na imprensa de Petrolina

Em 10 de setembro de 1915, na cidade de Petrolina, com 14 anos de idade, João Ferreira Gomes publicou a primeira edição do periódico *O Pharol*, órgão noticioso e independente. Apesar da pouca idade, Joãozinho do *Pharol*, como ficou conhecido João Ferreira, já havia criado um jornal manuscrito com alguns amigos, em 1914, que recebeu o nome de *Correio da Infância*. O que lhe permitiu adquirir experiência na área da produção jornalística, com a qual colaborou com a redação de *O Pharol* e na tipografia (SANTOS; SANTOS, 2018). Antes de *O Pharol* circular pela cidade, os jornais *A Fênix*, *O Trabalho* e o jornal *O Comércio* já haviam circulado pela cidade.

Com a ajuda do jornalista diretor da *Folha do São Francisco*, da cidade de Juazeiro, Francisco Neto e de Antonio de Souza, Joãozinho do *Pharol* imprimiu a primeira edição do jornal. Impresso com o tamanho de 15x10 centímetros, in folio, os textos foram organizados em duas colunas, com número de páginas constante. Começando com quatro, depois passando para seis e tendo as suas últimas edições publicadas com oito páginas. A data de celebração do aniversário do jornal ficou 7 de setembro, feriado nacional do dia da declaração da independência (CAVALCANTI; CORREIA, 2008).

O Pharol circulou durante 74 anos, tendo periodicidade quinzenal. Suas primeiras edições não possuíam seções e editorias fixas, além de também não possuírem anúncios publicitários nem imagens. Petrolina era uma cidade pequena, com aproximadamente 5 mil habitantes e poucas ruas, o jornal ajudou a imprensa a se consolidar no município e conseguiu apresentar para a população as ideias progressistas e de modernização (CAVALCANTI; CORREIA, 2008).

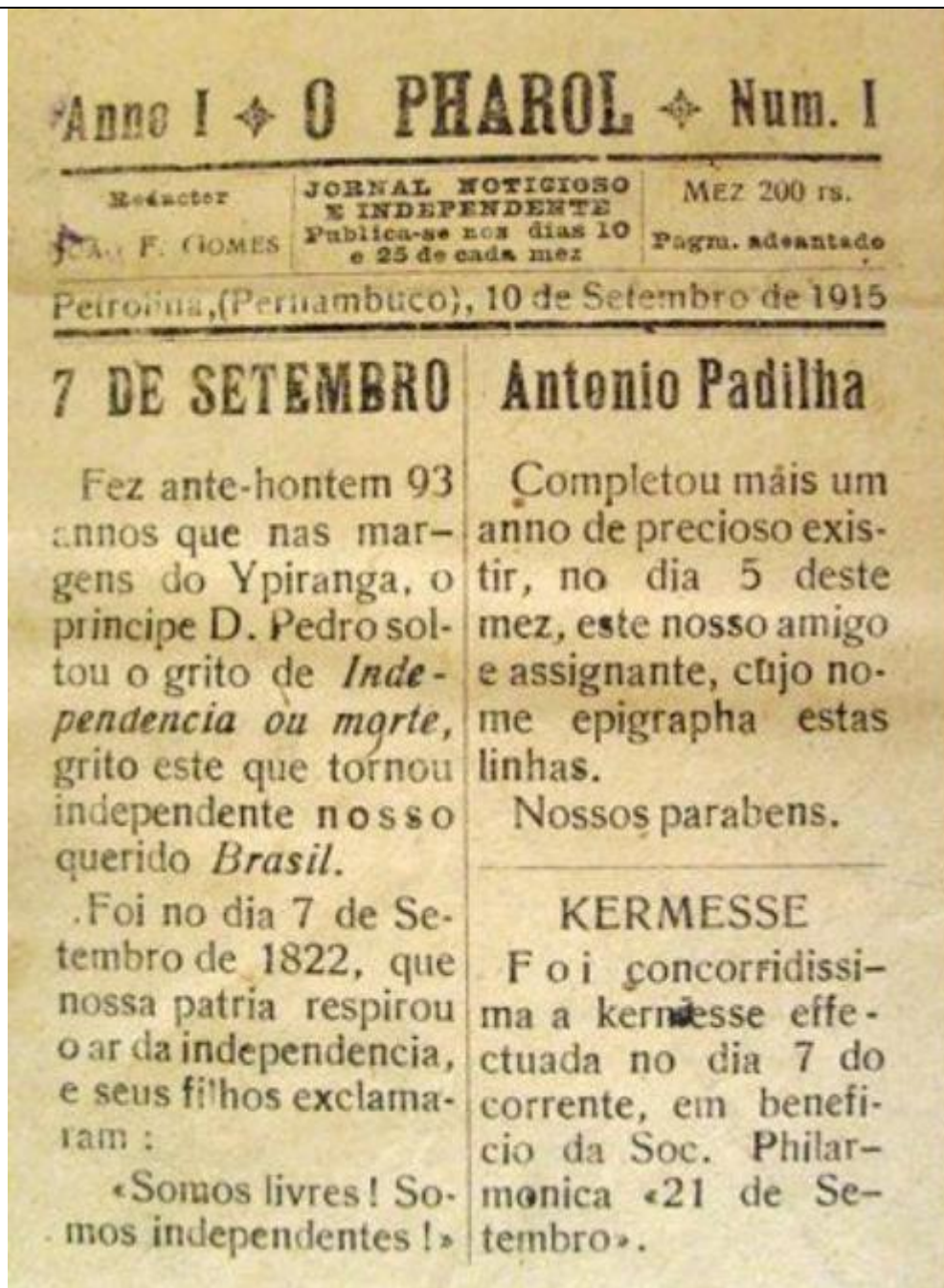


Figura 1: Primeira edição de *O Pharol*, 10 set. 1915, p. 1.

Cavalcanti e Correa (2008) afirmam que as primeiras notícias do jornal se referiam a Primeira Guerra Mundial, o cenário político nacional, regional e acontecimentos da cidade ou sobre a vida dos moradores. A estrutura, que no começo era extremamente simples, mudou bastante com o passar dos anos. Na década de 20, não havia ainda um equilíbrio na organização gráfica e disposição do texto. Surgiram novas colunas, mas alguns textos eram fragmentados e apareciam em páginas separadas.

Por volta dos anos 1960, as colunas passaram a ter melhor disposição gráfica, posicionamento, os textos, mesmo que fragmentados, obedeciam a uma ordem. Na década de 1970, os espaços entre os textos aumentaram a fim de que a leitura ficasse mais fluida.

Na década de 1980, identificou-se o surgimento de colunistas colaboradores como Inah Carvalho, José Raulino Sampaio, Gentil Porto, Cid Carvalho, entre outros. Eles assinavam as reportagens ou colunas, o que representou uma modernização na escrita do jornal, pois passaram a ser espaços auto referenciados para garantir a liberdade de expressão, compartilhar as ideias e se posicionar no jornal.

Ainda nesse período a diagramação incorporou as caixas de texto para separar os diferentes assuntos. As ilustrações também foram mecanismos que começaram a ser utilizados, logo houve a ascensão da fotografia e as imagens puderam ser usadas articuladas ao texto com características de fotojornalismo associado ao contexto. Antes, já havia algumas ilustrações e imagens disposta de maneira simples. Uma série de tecnologias influenciou no jornalismo d'*O Farol*, demarcando sua trajetória histórica, práticas jornalísticas e sinalizando a necessidade em agradar o público leitor.

Desde o início de sua fundação, o jornal tinha seções voltadas à divulgação do comércio, preços de produtos alimentícios e outros artigos; seções para viajantes, com chegadas e partidas e informações sobre as pessoas; espaços para os cidadãos leitores, para aniversários, falecimentos, nascimentos, visitas, solicitações, entre outras coisas; seções para acontecimentos gerais, regionais e mundiais; e algumas outras seções. Com a modernização da imprensa e da sociedade, os interesses da população foram mudando e sessões saíram de circulação dando lugar a outras, além de informações mais gerais como notícias em que o foco foi se restabelecendo para atender às demandas sociais (SANTOS; SANTOS, 2018).

Os avanços tecnológicos trouxeram modernização no formato e uma tentativa de profissionalização. A grafia do nome do jornal se modificou devido às alterações do novo acordo ortográfico, e então o jornal passou a se chamar *O Farol* (O FAROL, 8/08/1953).

A Divulgação de Práticas Culturais

A divulgação de práticas culturais no jornal foi se modificando de acordo com o processo de modernização da cidade e a compreensão dos critérios de noticiabilidade relacionados à cultura adotados pelo jornal. Para esta pesquisa, adotamos o conceito de cultura como manifestações populares na perspectiva do historiador Peter Burke (2006). Na análise das mensagens, identificamos que este conceito foi sendo modificado a depender do público leitor e de como o jornal se auto referenciava como imprensa.

Em uma edição de 1916, segundo Santos e Santos (2018), o periódico divulgou atividades culturais relacionadas aos modos de sociabilidade da elite local. Divulgou a existência de um grupo musical *Filhas de Mozart*, filiado à Sociedade Filarmônica 21 de Setembro, e o estímulo a frequentar os eventos destinados à exibição cinematográfica no cinema da cidade (SANTOS; SANTOS, 2018).

Outro tipo de evento frequentemente abordado pelo jornal eram os festejos religiosos associados à Diocese de Petrolina e a posse de Dom Antônio Maria Malan, em 1926. Esses eventos religiosos estavam constantemente presentes no jornal porque a Diocese realizou uma ação de suma importância para a expansão do periódico com a doação de recursos financeiros para a compra da prensa tipográfica. Encontros e congressos da Igreja, posse de Bispos, visitas de pessoas do clero, quermesses, novenas eram constantemente citados nas páginas do jornal. É o caso da posse de D. Tomás Guilherme Murphy. O periódico dedicou extensa cobertura desde os preparativos para chegada à recepção (O FAROL, 31/01/1963, p. 1).

Além disso, poesias de leitores ou escritores também ganham destaque e eram critérios de noticiabilidade. Uma poesia que pode ser citada é a de Natanael de Carvalho Andrade, intitulada *Porque*, na qual ele discorria sobre as desigualdades sociais em que as pessoas vivem

“Porque o lar sem pão, a casa pobre
Sem luxo, sem adorno, sem presteza!
Onde a infeliz criança com certeza,
A desfrutar o tudo que lhe sobra...”(O PHAROL, 30/04/1962, p. 1).

E finalizava com a ideia de que “A Natureza a de cobrar, de fato”. (O FAROL, 30/04/1962, p. 1).

Não foi possível encontrar edições significativas relacionadas às práticas culturais no período posterior à implantação da ditadura militar, de 1964 até 1980. O jornal pode ter passado por um processo de autocensura, pois não identificamos notícias

relevantes sobre cultura⁶. Contudo, após o fim do golpe militar, identificamos mudanças na produção jornalística. Destaca-se a cobertura de cultura a “*Coluna Drummondiana*”, assinada por José Raulino que compunha o clube em homenagem a Carlos Drummond de Andrade.

Durante a pesquisa, os textos de Simão Durando chamaram bastante atenção pelo debate em relação à documentação relacionada aos costumes, tradições e a maneira como este colunista da imprensa “capta e interpreta o mundo exterior”, como se referiu Weber (2006, p. 43), citado anteriormente. É relevante ainda retomar o pensamento de Arlette Farge (2009) quando afirma que a escrita de si pode trazer significados da vida pública e privada. Assim, a coluna de Simão Durando evidencia fragmentos de diversos acontecimentos do cotidiano e expressões do vivido.

Simão Durando e a divulgação da cultura

Simão Amorim Durando foi prefeito da cidade de Petrolina do período de 1969 a 1973⁷. Ele nasceu no município de Afrânio e mudou-se para Petrolina ainda adolescente em busca de melhores oportunidades e de uma melhor educação. Graduiu em Licenciatura em História pela antiga Faculdade de Formação de Professores de Petrolina (FFPP), atual Universidade de Pernambuco (UPE). Conhecido como professor Simão, após iniciar sua carreira na educação ele chegou a ser diretor em um colégio da cidade vizinha, Juazeiro-BA. Ele buscava como gestor e representante político promover melhorias para a educação e valorizar a cultura regional.

Durante a pesquisa, foi possível perceber como a história de Simão Durando foi pouco explorada pela dificuldade em achar materiais que falassem sobre ele de forma mais aprofundada. Seus textos não foram facilmente encontrados em plataformas de pesquisa, por meio de citações ou trechos. O trabalho de Simão como colaborador da imprensa ainda precisa ser explorado com profundidade. Aqui, recortamos parte dessa contribuição.

Em seus textos para o jornal o *Farol*, Simão discutia assuntos diversos relacionados à cultura local. Ele falava sobre festejos religiosos, festas tradicionais

⁶ Como o acervo do Museu do Sertão não contém todas as edições, é possível que, no momento posterior, possamos encontrar notícias e reportagens sobre práticas culturais, caso sejam encontradas edições.

⁷ São quase inexistentes os estudos sobre Simão Durando na cidade de Petrolina. Identificamos o trabalho pioneiro da TV Caatinga em uma reportagem que faz menção à trajetória social, mas não faz referência ao trabalho como colunista do jornal *O Farol*. Para conhecer, veja o link: <http://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/video/zqI69X0Pfb>.

como São João e Carnaval, debatia também sobre costumes locais e outros temas. Sempre apresentando um olhar crítico de quem foi testemunha das transformações sociais e culturais da cidade de Petrolina.

A sua coluna era um espaço para evocar lembranças pessoais e construir parte da memória coletiva da cidade. Para Michael Pollak (1989), algumas pessoas exercem o papel de atores ou agentes profissionalizantes que colaboram para construir parte da memória oficial, quando produzida pelo Estado, ou a memória coletiva. São indivíduos que a partir de seus relatos testemunhais e memórias individuais colaboram para construir a ideia de pertencimento, identidade e colaboram para construir o consenso.

A partir dessa perspectiva, subdividiu-se a análise da coluna em duas sessões: a cultura religiosa com referências aos festejos e costumes religiosos; e a cultura da terra remete às tradições populares da região.

A cultura religiosa

A presença dos registros culturais associados à Igreja Católica sempre estiveram presentes na cobertura do jornal, desde a sua fundação. As crenças católicas representavam tanto relação de fé como de poder. Nos textos de Simão Durando, a influência da religião católica é demonstrada nos textos de caráter autobiográfico sobre eventos e festejos religiosos como procissão, ritos e simbologias de santos e depoimentos de anônimos que trazem a marca da fé. Um exemplo é a coluna *Outro Momento*, no qual relata festejo ocorrido em Caboclo, Pernambuco (O FAROL, 16/05/1985, p. 3).

Nesse texto, ele documenta a procissão em homenagem ao Senhor do Bonfim e relatou de forma testemunhal o sentimento de pertencimento associado a esse momento. Na procissão em reverência ao Senhor do Bonfim, tradicionalmente o estandarte vermelho do Coração de Jesus era carregado por um devoto. Era um sonho de menino de Simão conduzir o estandarte, mas ele nunca teve a oportunidade, pois era uma criança pequena. Assim como, outro festejo que remetia boas recordações era a Via-Sacra, na qual dois meninos, segurando velas, circundavam uma terceira criança que levava a cruz, de estação em estação, durante toda a procissão (O FAROL, 16/05/1985, p. 3).

Nessa coluna, identifica-se uma prática cultural que existia nas décadas anteriores aos anos 1980 e que ainda permanecia como símbolo, apesar das

transformações. É notório que o rito de condução do estandarte era um símbolo de poder a poucos reservados, já que ele declara que nunca teve oportunidade.

Em outra coluna, publicada no mês de maio, Simão fazia referência à história de Maria, a Mãe de Jesus, em um agendamento do tema por ser mês alusivo à comemoração das mães. Ele relata que Maria lutou para poder dar à luz a Jesus garantir a sobrevivência do Salvador. Mais uma vez pode-se perceber a força que a religião tinha sobre as pessoas. Simão comparou Maria ao simbolismo associado a outras “Santas Marias” que surgiram com o tempo. E compara-a a Santa Maria da Boa Vista, padroeira da cidade vizinha, que ganhou apreço e fé dos moradores da cidade. Também fala sobre Nossa Senhora Auxiliadora, referência ao colégio implantado por Dom Malan na década de 1920 (O FAROL, 23/05/1985, p. 3). Dessa forma, Simão se utilizou de simbologias religiosas para alicerçar noções de pertencimento, como se fosse um narrador deste tempo presente.

Contudo, também é possível encontrar em alguns textos uma crítica ao misticismo religioso. No texto “*Quando não é queda é coice*”, Simão retratou a precariedade da infraestrutura da cidade nos períodos de chuva e demonstra como as pessoas associaram a presença das graças de Deus quando essas chuvas ocorrem. Ele narrou ter recolhido de uma senhora o seguinte depoimento: “Tou com remorsos. Não arranco de dentro de mim o meu misticismo; por isso, ando pensando ter cometido sacrilégio. É que andei falando naquelas coisas de não se esperar chuva do alto...”.

Nesta coluna, ele fez uma crítica implícita ao pensamento que associa os benefícios e as mazelas à força do divino. Para ele, as pessoas, apesar da devoção, deveriam não comprometer Deus nessas ações e traziam, para si, a responsabilidade dos atos. Como o próprio Simão diz:

“Falar de chuvas, por serem muitas, com todos os prejuízo, é como se estivéssemos falando da bondade de Deus. Quando há estiagens, elas são frutos dos nossos pecados. Povo de muita fé também não compromete, mesmo assim, Deus; traz para si, todas as responsabilidades.” (O FAROL, 31/01/1985, p. 3).

A cultura da terra

Além de divulgar os cultos religiosos em sua coluna, Simão também falava sobre festejos e cultura local como em seu texto *Aviso aos navegantes*, no qual retratou o Carnaval como a festa do povo (O FAROL, 28/03/1985, p. 3).

O festejo que homenageava Momo era o momento do povo ganhar as ruas, pular, correr atrás do trio e, como o título do texto remete abraçar os navegantes que fizeram de Petrolina sua morada. Simão citou nomes de pessoas que vieram morar na cidade e que, para ele, são tão cidadãos petrolinenses como qualquer outro. Ele se referiu às tradicionais rodas de samba, a passagem dos blocos, da Av. Souza Filho (importante avenida do centro da cidade) que se iluminava com o festejo (O FAROL, 28/03/1985, p. 3).

Outro texto que se referiu ao Carnaval foi o *Taí Carnaval*, que faz referência a uma antiga marca de refrigerantes que circulava na região. Simão anunciava os três dias de festa, quando as pessoas assumiam o seu verdadeiro comportamento de povo festivo e também irreverente e crítico, por meio da parodização das mazelas sociais. “Fez-se dele o maior painel de protestos” (O FAROL, 14/02/1985, p. 5).

Com esses dois textos, é possível notar que há uma lei que rege o carnaval: a liberdade. As ruas e as pessoas estavam sempre em cor, livres e festejando. Simão afirmava não ser tão carnavalesco, pois foi criado no meio no qual o ritmo do forró e do acorde da sanfona predominava, mas que, apesar disso, não condenava a festa, pois apresentava vasta riqueza cultural.

Ao evocar a sua relação com o ritmo do forró, Simão se referiu em suas colunas ao São João. Com um texto memorialístico, é possível notar a visão saudosista que Simão tem da festa, chegando a se emocionar ao ver as pessoas se reunindo nas calçadas, as crianças brincando à beira da fogueira com fogos e danças. Ele também relatou as boas energias do cheiro de mato, da culinária tradicional como o milho assado. As músicas e cantorias como as do Quinteto Violado e de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. Para o autor, o São João chegava e “saudades aparentemente mortas, apenas hibernavam. Com ele, renascem.” (O FAROL, 27/06/1985, p. 5).

Além de todas as questões tradicionais da festa, Simão também mostrava como a cidade estava se modernizando, mas sem perder os costumes e tradições. Um aspecto importante é que Simão já percebia a importância dos festejos juninos como estratégias para alavancar o desenvolvimento do polo turístico nessa época do ano, movimentando a economia local (O FAROL, 27/06/1985, p. 5).

Considerações Finais

A produção de jornais, revistas, radiofônicas e televisivas pode ser considerada como importantes documentos de uma época ao colaborar para narrar a história de uma cidade e do seu povo. Simão Durando, por meio d'*O Farol*, foi um contador de histórias, um narrador. Para Walter Benjamin (1994), o narrador é alguém que é capaz de contar histórias, seja de forma escrita ou de forma oral, com respeito à realidade, visando de estabelecer o sentimento de pertencimento.

A coluna de Simão Durando representa um testemunho a respeito das práticas culturais na cidade de Petrolina, que não poderiam ser evocadas sem a leitura de seus textos. Como narrador Simão teve a tarefa de deixar registrada parte significativa de tradições e costumes que hoje não estão presentes no município, e outras tiveram modificações como o São João. A partir do uso retórico das lembranças individuais, ele conseguiu expor e narrar com verossimilhança práticas culturais que fazem parte de uma memória coletiva.

Ao falar sobre religião, por exemplo, ele não se distanciava da história o suficiente para contá-la como um ser passivo, mas ele possuía uma visão crítica dos fatos e não dogmática. Era um habilidoso cronista na arte de narrar e entreter o leitor, pois até no tempo presente o seu texto apresenta ritmo e leveza e nos remete a uma Petrolina desconhecida para as gerações atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. **História da imprensa no Brasil**. Metodologia. Disponível em www.redealcar.ufsc.br, acesso em 05 de maio de 2005.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- CAVALCANTI, Nomeriana; CÔRREA, Jean. **O Pharol: tempo, imagem e memória. Trabalho de Conclusão de Curso**. Comunicação Social: Jornalismo em Múltiplos Meios. Universidade do Estado da Bahia, 2008. CD-Rom
- FARGE, Arlette. **O sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo, Editora 34, 1998.
- LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. São Paulo: Projeto História, vol 17. nov 1998.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RIBEIRO, Ana Paula G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro. E-papers, 2007.

SANTOS, Andréa. **Travessias Comunicacionais de um Tipógrafo-Jornalista: José Diamantino de Assis e as Tessituras do Moderno**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura), Rio de Janeiro, UFRJ, 2016.

SANTOS, Gislaine Milca dos; SANTOS, Andréa. **O Pharol: Auto-referenciação nas Edições Comemorativas de 1917 a 1921**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, 2018, Juazeiro. Anais do XX Intercom, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0667-1.pdf>> Acesso em: 16 abril 2019.

WEBER, MAX. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. In: MARROCO, Beatriz (org). **A era glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa: pensamento crítico sobre jornais**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Jornais Consultados:

- O PHAROL. Petrolina, ano 1, n. 1, 10 set. 1915
- O FAROL. Petrolina, ano 37, n. 26, 8 ago. 1953.
- O FAROL. Petrolina, ano 46, n. 13, 30 abr. 1962.
- O FAROL. Petrolina, ano 47, n. 5, 31 jan. 1963.
- O FAROL. Petrolina, ano 70, n 22, 31 jan. 1985.
- O FAROL. Petrolina, ano 70, n 24, 14 fev. 1985.
- O FAROL. Petrolina, ano 70, n 29, 28 mar. 1985.
- O FAROL. Petrolina, ano 70, n 35, 16 mai. 1985.
- O FAROL. Petrolina, ano 70, n 36, 23 mai. 1985.
- O FAROL. Petrolina, ano 70, n 41, 27 jun. 1985.